

Festas Religiosas, Sacralidade do Tempo e Mitos: O olhar de Mircea Eliade¹

Henrique de Oliveira Fernandes²

A festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma 'história sagrada' cujos atores são os deuses ou os Seres semi-divinos. Ora, a 'história sagrada' está contada nos mitos. Por consequência, os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos Seres semi-divinos. Vivem no Tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses (Eliade, 1992, p. 93).

Eliade (1992) considera a existência de duas espécies de tempo: o tempo profano e o tempo sagrado. O tempo profano pode ser entendido como homogêneo e contínuo, uma “duração temporal ordinária” (p. 63)³, enquanto que o tempo sagrado representa um corte, uma rotura, uma descontinuidade em relação ao primeiro.

Para o autor, o homem religioso experimenta a necessidade de mergulhar por vezes no tempo sagrado. Portanto, precisa sair da experiência da duração temporal profana, ordinária, o pano de fundo da existência humana, para ingressar na sacralidade do tempo. Eliade confere ao tempo sagrado, na vivência do homem religioso, uma certa “ascendência”, porquanto afirma que é ele que “torna possível o tempo ordinário”, ou seja, “funda igualmente o Tempo existencial, histórico, pois é o seu modelo exemplar” (p. 79). E em outro momento afirma que “o homem religioso vive, deste modo, em duas espécies de Tempo, sendo o tempo sagrado o mais importante” (p. 64).

¹ Escrito em abril de 2011.

² Psicólogo e Mestre em Psicologia pela UFRJ. Pós-Graduado em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Com exceção daquelas que são referidas diretamente no texto, todas as demais citações são da obra *O Sagrado e o Profano*.

O autor de *O Sagrado e o Profano* explica que a sacralidade do tempo está associada a algumas qualidades ou características, as quais, em verdade, se revelam entrelaçadas na tessitura dessa concepção: é *reversível* (“tempo mítico primordial tornado presente” [p. 63]), *circular, recuperável, repetível, ontológico* (“mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota” [p. 64]) e *indestrutível*.

Cabe perguntar como o homem religioso “ingressa” no tempo sagrado, saindo de sua vivência comum (ordinária) de tempo. Eliade entende que o homem religioso o faz através do rito. E é precisamente em virtude das qualidades do tempo sagrado que se pode dizer que este é uma “espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos” (p. 64).

No ritmo temporal do homem religioso, ele reconhece, como diz Eliade, intervalos “sagrados”, verdadeiras roturas, descontinuidades. É isto que lhe dá acesso ao tempo sagrado. Esses intervalos de vivência da sacralidade do tempo “não participam da duração temporal que os precede e os sucede, têm uma estrutura totalmente diferente e uma outra ‘origem’, pois se trata de um tempo primordial, santificado pelos deuses e suscetível de tornar-se presente pela festa” (p. 65). Esta dinâmica evidencia a relação existente entre a sacralidade do tempo e os mitos, expressa nas festas religiosas.

É neste sentido que podemos dizer que quando um homem participa religiosamente de uma festa, ele “sai” do tempo profano, caracterizado pela rotina de sua vida ordinária, e “ingressa” na dimensão sagrada do tempo. Como diz Eliade, “na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da Vida [...]” (p. 80). E como o tempo sagrado é de natureza mítica, e apresenta todas aquelas características comentadas, pode-se afirmar que “toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, ‘nos primórdios’” (p. 63).

Analisando a função dos mitos na obra *Imagens e Símbolos*, Eliade afirma que “um mito relata acontecimentos que têm lugar *in principio*, isto é, ‘nos princípios’, num instante primordial e intemporal, num lapso de tempo sagrado”. E acentua que “este tempo mítico ou sagrado é qualitativamente diferente do tempo profano, da duração contínua e irreversível na qual se insere a nossa existência cotidiana e dessacralizada”. Deste modo é possível compreender que quando se relata um mito, “reatualiza-se de certo modo o tempo sagrado no qual se cumpriram os acontecimentos de que se fala” (p. 56). Portanto, o mito é sempre um relato das origens, e o homem religioso, bem

diferente do homem não religioso, sente a necessidade de voltar a integrar-se a esse tempo sagrado, o que sucede nas festas religiosas. Nas palavras de Eliade: “reencontra-se na festa a primeira aparição do Tempo sagrado, tal qual ela se efetuou *ab origine, in no tempore*” (p. 64).

O tempo, deste modo, dentro de uma consciência mítica, é apreendido, na vivência religiosa, como um “eterno retorno”. Esta idéia aparece claramente na obra *O Mito do Eterno Retorno*, quando ele afirma que “os mitos servem como modelos para cerimônias de reatualização periódica dos importantes eventos ocorridos no princípio dos tempos” (p. 9).

Portanto, nas festas, especialmente as periódicas, verifica-se o retorno a esse tempo sagrado, o retorno às origens, essa integração no tempo primordial, que é relatado pelo mito. Portanto, através de uma festa religiosa, ocorre a reatualização do mito.

É importante ressaltar, todavia, que a “festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e portanto religioso), mas sim sua reatualização” (p. 73). E isto só é possível compreender através da noção de tempo sagrado, o qual será sempre o mesmo na festa religiosa, pois sendo sagrado, é repetível, circular e ontológico. Ou como diz Eliade: “A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestará na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gestas, que são justamente reatualizadas pela festa” (p. 64). Eliade considera, portanto, que “o tempo cosmogônico serve de modelo a todos os tempos sagrados” (p. 73).

Eliade refere-se aos participantes da festa religiosa dizendo que eles se tornam “contemporâneos do acontecimento mítico” (p. 79). Isto equivale a dizer que na festa o homem religioso não está vivendo a duração profana, o tempo histórico, e se reúne ao tempo mítico, sagrado, experimentando a “santidade da existência humana como criação divina” (p. 80).

Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa, Portugal: Arcádia, 1979.

_____. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.